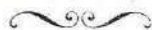


Foge o Tempo, a sumir sorrateiro e calado...
No ergástulo de carne o Espírito enlanguesce
Entre o sol do Porvir e as brumas do Passado.

A idear no Infinito amplas visões sonoras,
Quisera, transfundindo o coração em prece,
14 Exaltar para o Mundo a grandeza das horas!...



de sua vida, encontrou na filosofia espírita «um porto para seus anseios místicos e um céu para seus voos metafísicos». «Então» — prossegue Osvaldo Melo — «já não se notava o místico torturado de **Sombras Amigas**, mas um poeta cheio de paz, num retorno a emoções naturais, mais extrovertido, como a sepultar, no calor e na luz de seus versos, uma longa fase de angústia filosófica que ele julgava superada.» (Desterro, atual Florianópolis, Santa Catarina, 27 de Setembro de 1865 — Florianópolis, 6 de Abril de 1927.)

BIBLIOGRAFIA: **Madrigais**; **Ascetério**; deixou alguns livros inéditos.

14. Para que se possa observar como se parece o “Amor e Morte” de ontem com o “Tempo e Morte” de hoje, não apenas pelo gosto das maiúsculas e a disposição rimática, mas, sobretudo, pelo tema, veja-se aquele soneto em *Pan.* IV, págs. 85-86.

Augusto Alvaro de CARVALHO ARANHA *



À PROCURA
DA
IDEIA ORIGINAL

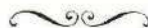
O homem demanda, embora surdo e lento,
A verdade que o busca, viva e certa;
Mas dorme na ilusão a que se oferta,
4 No garimpo interior do pensamento.

Iludido, cansado, desatento,
Crendo no acaso, um dia brilha e acerta...
Muda-se então a vida em luz aberta
Pela fulguração de um só momento.

(*) Depois de estudar no Maranhão e em Pernambuco, veio CA a matricular-se na Faculdade de Direito de S. Paulo, bacharelando-se em 1901. Além de poeta distinto, foi promotor e juiz em algumas cidades do interior paulista. Colaborou em inúmeros órgãos da imprensa de Sergipe, Pernambuco, Rio e S. Paulo. Sócio do Instituto Histórico e Geográfico de S. Paulo. Sobre ele assim se externou Armindo Guaraná, em seu *Dic. Bio-Bibl. Sergipano*, pág. 41: «Poeta primoroso e fes-

O súbito clarão de uma faísca
Explode no horizonte azul e risca
O alto manto do céu em que se enflora...

Assim, a ideia nova em nossa mente:
Eclode num lampejo incandescente
E abre caminho pelo mundo afora...



tejado da escola parnasiana, é também um espírito dotado de filantropia e um juiz culto e reto.» (Aracaju, Sergipe, 30 de Janeiro de 1876 — Rio de Janeiro, Gb, 30 de Março de 1928.)

BIBLIOGRAFIA: *Primícias*; *Poeira do Meu Caminho*; *Visão das Horas*; etc.

4. Leia-se *in-te-rior*, com sinérese.

NESTOR VÍTOR dos Santos *



EUTANÁSIA

- 1 Ofega o corpo a sós... Oculta, a morte espia...
— Invisível chacal na tocaia da presa.
Na máscara do rosto, a ansiedade retesa
Aparenta velar a dor do último dia.
- 5 Choras ao ver prostrada a criatura indefesa
Cujo olhar sem consolo a lágrima embacia,
E intentas ministrar-lhe a branda anestesia
Que apresse o longo fim e ajude a Natureza.

(*) Poeta, conteur, romancista, crítico, Nestor Vítor foi também, no dizer de Andrade Muricy (*Pan. Mov. Simb. Bras.*, I, pág. 268,), «pensador moralista penetrante». Vice-diretor, aos 26 anos, do Internato do Ginásio Normal, atual Colégio Pedro II. Colaborou em vários jornais do Rio, entre os quais *O Paiz*, o *Correio da Manhã* e *O Globo*. Patrono, na Academia Paranaense de Letras, da cadeira n.º 27, tendo pertencido à extinta Academia de Letras do Paraná. Amigo particular de Cruz e